

A herança memética de Paulo Abrantes

Roger Abrantes



Um *meme*^[1] é uma unidade de informação cultural transmitida por imitação, correspondente ao gene, mas com diferenças notáveis^[2]. Memes replicam-se de cérebro para cérebro e os veículos de que se utilizam para os transportar são palavras faladas e escritas, obras de arte, unidades de comportamento, etc.^[3]

“Exactamente, pá!” é um meme, uma frase simples de pronunciar, de se reter, de exprimir, que se propaga de cérebro para cérebro e que acaba por ser expressa cada vez por mais pessoas. Uma das características do meme é justamente o estabelecer-se na nossa mente — isto dito de forma talvez demasiado simplificada. Memes não se reproduzem todavia, quando perdem a disputa inevitável a um lugar num cérebro em que entram com outros memos. Em caso de continuarem a perder acabam por desaparecer. O mesmo acontece com genes. Os recursos são limitados. Um lugar ao sol num cérebro é uma condição essencial para um meme sobreviver, estabelecer-se e reproduzir-se de uma forma ou outra. É o que Darwin designou *the survival of the fittest* — a sobrevivência do mais apto^[4]. Só que Darwin não falava de memes, que só foram descobertos muito mais tarde, nem de genes, pois ele não conhecia Mendel, nem sabia da sua obra. Darwin falava então de unidades de reprodução.

“Exactamente, pá!” foi (talvez) o primeiro meme que o meu irmão transmitiu ao seu sobrinho dinamarquês, o meu filho, quando este ainda era bebé. Não foi, contudo e

certamente, o último meme que lhe transmitiu e que ainda hoje, mais ou menos 20 anos depois, influencia o seu comportamento. É um erro, portanto, atribuir certas semelhanças entre o meu irmão e o meu filho aos seus 25% de genes comuns. A parecença deve-se neste caso a outro replicador, igualmente poderoso, ou ainda mais, pois estes replicadores, os memes, aumentam a sua influência à medida que dominam os cérebros que habitam. O poder de um meme depende da sua aptidão para cooperar com outros memes e formar um complexo de memes, ou um *memeplex*. Alguns *memeplexos*^[5] tornam-se entidades muito fortes, como por exemplo ideologias e religiões.

A semelhança em alguns aspectos do comportamento do irmão e o filho do autor destas linhas é assim neste caso devido ao poder dos memes — ou, em terminologia menos específica, a influência cultural.

A herança de Paulo Abrantes para a posteridade é duas vezes 50% dos seus genes (uma em cada filho e ele tem dois), o que, em parêntesis, não quer dizer 100%^[6], e também ainda mais notoriamente um número indefinido de memes.

Por exemplo um dos memes que ele transmitiu e que tomou residência no cérebro de muitos que frequentavam a sua companhia, foi o meme *trabalho de equipa*. Talvez, ou quase certo, foi esse meme a ele transmitido pelo nosso pai, o que é irrelevante neste contexto. Similar a um gene



Tomar, Dezembro de 2002 — Paulo Abrantes com a sua primeira equipa, as irmãs e o irmão, Nôr, Jo e Ruyel, aqui na última ocasião em que estiveram todos juntos. Foi este passeio o resultado dum a conspiração deles para passarem um dia na terra da sua infância, só os quatro.

que num organismo particular pertencendo a qualquer espécie, numa altura específica, encontra um organismo excepcional para o propagar, o meme *trabalho de equipa* encontrou um organismo excepcional para a sua replicação no cérebro de Paulo Abrantes.

O mais interessante neste aspecto não é o meme *trabalho de equipa per se*, pois esse meme originou aparentemente, se bem que de forma diferente (memes também sofrem mutações), há milhares ou até provavelmente milhões de anos quando a colaboração entre os nossos ancestrais, já no tempo do *Australopithecus afarensis*, se mostrou uma necessidade, e logo foi favorecida, pela selecção natural. O interessante neste aspecto é que num tempo e ambiente onde outros memes, como *individualismo*, *egoísmo*, *próprio proveito*, competem furiosamente com o meme *trabalho de equipa*, sucedeu Paulo Abrantes com o seu particular complexo de memes, o seu *memoplexo*, a propagá-lo com tanto sucesso.

Que ele sucedeu é para este escritor, com certo conhecimento histórico da vida de Paulo Abrantes, óbvio. Em todos (liberdade de escritor e não verdade lógico-matemática) os colegas e amigos dele que encontro, eu distingo vestígios deste PA meme. Tomei conhecimento recentemente com a revista da APM^[7], e esta surpreendeu-me tão agradavelmente pela sua alta qualidade académica — perdoem-me editores e colaboradores a ofensa, pois diz mais de outras revistas do que da vossa — ainda mais me surpreendeu pela sua grande coerência de artigos. Direi sem reservas que é com alta probabilidade (já demonstrando mais prudência matemática) uma das mais *harmónicas* revistas académicas que tive o prazer de ler. A sua harmonia, como eu a vejo, é o resultado da alta competência académica na área — não

sou matemático mas o meu treino académico deixa-me reconhecer qualidade quando a encontro — e também notavelmente pelo espírito (um termo não-científico) que se lê entre as linhas. Este espírito, revela-se quando analisado à lupa da biologia e memética evolucionária, e em terminologia já mais científica, ser um memoplexo composto de diversas unidades, por exemplo *liberdade no pensamento e direito a expressão*, que são coisas diferentes, *procura da excelência*, *melhorar por progresso*, *matemática para todos*, *avaliação é importante*, *entusiasmo*, *educação para cidadania* e muitos outros^[8].

Entre estes muitos outros há um que sou obrigado a mencionar pois tanto significou para o meu irmão — a *importância de estarmos de acordo a discordar*. Como biólogo evolucionário este meme assume para mim um papel central para compreender como a evolução cultural é possível. Do discordo surge a *variação* memética que é o componente essencial para qualquer *selecção* se poder realizar, e consequentemente *evolução*. O meu irmão não só compreendeu isto, numa altura em que até na minha profissão ainda nos debatíamos com pormenores Darwinísticos, contudo essenciais, ainda Dawkins não tinha inventado o meme — ou seja tinha sido contagiado pelo meme *meme* — mas o propagou, por palavras faladas e escritas, decerto, mas principalmente pelo seu comportamento^[9].

Memes formam memoplexos, como genes formam alianças com outros genes e acabam por dar em organismos. Alguns organismos são melhores que outros nos jogos da sobrevivência e da propagação. Isto não é dependente de genes egoístas individuais, mas da capacidade que cada um e todos mostram para colaborar uns com os outros e que resulta no produto final, por exemplo um simples eucariota como o *Homo sapiens sapiens*. No fim de contas é o fenotipo que está sujeito à selecção, não o genotipo^[10]. Processo semelhante acontece com os memes e os seus memoplexos. Também os memes estão sujeitos a um algoritmo^[11].

A força de impacto do que nós em língua do dia-a-dia designamos por exemplo a *legacia de Paulo Abrantes* deve-se ao impacto do seu memoplexo. Muitos outros possuem os mesmos memes, mas não os transmitem tão bem.

Para um meme ter sucesso é necessário (1) ser assimilado por um indivíduo, (2) ser retido pelo mesmo, o que quer dizer vencer a competição contra outros memes, (3) ser expresso por esse indivíduo em meios apropriáveis, por exemplo discurso, palavras escritas, comportamento social e (4) ser transmitido e assimilado por outros indivíduos^[12].

Os pontos um a três são interessantes mas irrelevantes neste contexto, se bem que de interesse histórico, sociológico e psicológico, porque os deixo para o tratamento de especialistas nas devidas áreas. O ponto quatro porém encontra-se no meu âmbito profissional. A propagação de memes, como já notei, em semelhança com a transmissão de genes, depende do sucesso do fenotipo em geral, e entre outras características do seu poder de adaptação.

É aqui, e não foi porque os seus memes aparentemente sobrevivem, que o meu irmão se mostra um verdadeiro campeão. Memes individuais tiveram possibilidades

de se propagar porque o *fenótipo Paulo Abrantes* em geral caminhava com êxito. Era, em terminologia não acadêmica, a afabilidade, a habilidade de compromisso, o comportamento empático do meu irmão, o seu ar sério tão peculiar dele, e essa série de coisas pequeninas que não têm importância nenhuma em si próprias, mas cuja soma faz uma diferença enorme, ou simplesmente a diferença, que facilitou tanto a propagação das suas ideias mais profundas. Isto, atrevo-me a divulgar, não é genético, ou somente genético, pois se ainda este escritor e suas irmãs não sejam completamente perdidos quanto ao comportamento social, fazemos, fizemos e faremos erros banais e para o nosso irmão imagináveis. Se fosse só uma questão genética poderíamos esperar uma mais alta correlação entre a *fitness* de um e dos outros. A diferença é indubitavelmente de carácter memético — se bem que também nesta área tenhamos uma certa afinidade. A divergência crucial é que geneticamente irmãos têm necessariamente 50% de genes comuns, quanto que a afinidade memética encontra-se algures no espectro total, sem necessidade particular matemática ou biológica.

O meu irmão era assim uma unidade excepcional, diferente de todas e qualquer, não só pela sua constituição genética, mas principalmente pelo seu carácter memético. A extensão da sua legacia só se pode medir quanto ao número e *fitness* das minúsculas sementes de memes que ele inseminou nas nossas mentes. Memes, que com ele partilhámos, que nos afectaram e nos afectam ainda, a uns mais que outros, mas cada com a sementezinha que ele lá pôs.

A matemática é segundo uns uma predisposição deste organismo, *Homo sapiens sapiens*, de organizar o input que recebe do ambiente^[13]. A ciência em geral, com todas as suas regras e estridências, não é mais que um modo de arrumar a casa que este cérebro nosso constitui, uma estratégia que até hoje, mas não necessariamente amanhã, se provou apta neste jogo da sobrevivência e foi imposta pelo algoritmo que controla toda a evolução^[14].

Este artigo escrevi de um ponto de vista científico. Arrumei a casa como me ensinaram. O que não ainda arrumei, e não me ensinaram, e duvido que se possa aprender, foi aquela divisão na casa, onde restam traços, vestígios e fragrâncias, *flash-backs*, unidades duma memória, pedaços de afecção, de uma vida junta, de querer tanto que o meu mano lesse este artigo e que me desse o seu parecer — pois o seu parecer e o momento que passássemos juntos trocaria eu com gosto com o que fosse e uma eternidade.

Notas

- [1] Memética é a ciência que estuda os memes, um conceito introduzido por Dawkins (Dawkins, R., 1976, *The Selfish Gene*, Oxford Paperbacks). É preciso não confundir com mimética, a teoria de Girard (Girard, R., 1987, *Things Hidden Since the Foundation of the World*, Johns Hopkins UP). Para comparação ver também Taylor M. (2002), *From Memetics to Mimetics: Richard Dawkins, René Girard, and Media-related Pathologies*, COV&R 2002.
- [2] Blackmore, S. (1998), *Imitation and the definition of a meme* (in *Journal of Memetics — Evolutionary Models of Information Transmission*, 2).
- [3] Blackmore, S. (2000), *The Meme Machine*, Oxford Paperbacks.
- [4] Darwin, C. (1859), *The Origin of Species: Or the Preservation of Favoured Races in the Struggle for Life*.
- [5] Permito-me a traduzir o conceito para Português.
- [6] Só seria 100% em caso de cada filho ter recebido 100% de genes diferentes dos 50% à disposição por parte do seu pai. Desafio as senhoras e senhores matemáticos a calcular esta probabilidade.
- [7] Educação e Matemática, Revista da APM, números de set/out 2003, mai/jun 2004, set/out 2004.
- [8] Como por exemplo se observa em Abrantes, P. et al. (1995), *Matemática para todos*, ProfMat95, Lisboa; Abrantes, P. (2001), *A educação para a Cidadania é alguma coisa que terá a ver com todos os aspectos da vida dos alunos na Escola* (www.deb.min-edu.pt/revista2).
- [9] Por exemplo na introdução em Abrantes, P. (1988), *Viagem de Ida e Volta*, APM, Lisboa).
- [10] Dawkins, R. (1982), *The Extended Phenotype*, Oxford Paperbacks.
- [11] Dennett, D. (1996), *Darwin's Dangerous Idea*, Penguin Books Ltd.
- [12] Ver Heylighen, F. (1998), *What makes a meme successful? Selection criteria for cultural evolution*, In *Symposium on memetics*, Namur, Belgium, 1998, se bem que a minha proposta não está completamente de acordo com a desse autor.
- [13] Houdé, O. and Tzourio-Mazoyer, N. (2003), *Neural foundations of logical and mathematical cognition*, *Nature Reviews, Neuroscience*; Dehaene, S. (1997), *The Number Sense — How the Mind Creates Mathematics*, Oxford University Press.
- [14] Dennett, D. (2004), *Consciousness Explained*, Penguin Books Ltd.

Hoger Abrantes

Biologisk Institut, Dinamarca